



# **Intermezzo**

**poesias e reflexões**

Copyright

**José Manuel da Silva**

**1990-1992**

©

## Índice

SEM TÍTULO / SEM SENTIDO .....	3
POESIA ANGUSTIADA .....	8
NA ÓPERA .....	9
PARA PABLO MILANÉS .....	10
JOGO DE PALAVRAS .....	11
CASO .....	12
TUDO PASSA .....	13
PENSANDO .....	14
PENSANDO OUTRA VEZ .....	16
MARÇO, UM PEDAÇO .....	18
DEDICATÓRIA .....	19
CONTOS ERÓTICOS .....	22
VERSOS PERDIDOS .....	25
LE PROFESSEUR .....	28
FACTS OF LIFE .....	29
DESEJO .....	30
NEW YEAR .....	31
MORE FACTS... ..	32
SONETO DE ANO NOVO .....	33
PELO ANO NOVO .....	34
ODISSEIA ESCOLAR .....	37
.....	38
NO RESTAURANTE (I) .....	39
NOVA POESIA VELHA .....	42
NO RESTAURANTE (II) .....	43
O DEPOIS DA TUA MÃO .....	45
POEMA CORRIDO RELATIVO .....	46
O CANTO .....	48
JOANA .....	49
A RIMA .....	50
VÊNIA .....	51
.....	53
SEM TÍTULO ou O OUTRO CAPÍTULO .....	54
SEM ASSUNTO .....	58
.....	66
.....	67
.....	68
PERDIDO ENTRE VERSOS .....	69
CONVITE AO PROFETA .....	71
PARÁGRAFO .....	72
NÃO HÁ DE QUÊ .....	75
MAIS COISAS .....	77
GARRA .....	79
ESTEREÓTIPOS .....	80
AVE! .....	82
RÉVEILLON .....	83
ALEATÓRIO .....	85
VERA .....	86
POEMAS DE BAR .....	87
O AMOR .....	89

**SEM TÍTULO / SEM SENTIDO****1.**

Não podemos mais  
Estamos nos finais  
O problema, meu amor,  
É que eu gosto de sorvete geladinho  
E você enche o saco  
Pra eu esquentar ele um pouquinho  
Que coisa louca  
Teu beijo na boca...

**2.**

Cada sol tem o fá que merece  
Pelo menos isto a mim me parece  
É preciso adorar o que seja  
A glória é o longe que beija

Minha rima é direta e é pobre  
É o comum do lugar que me encobre  
Cada véu tem o céu que procura  
Cada lua sua rota mais escura

O fanático tem o deus que lhe cabe  
O herético a descrença que lhe sabe  
Cada amor tem um olho que vê  
E um outro que é não sei bem o que.

**3.**

Yeah, I wanna get drunk tonight  
See if the world is right  
There's no one I can go to  
And, me, this feeling is old to you

I wanna get lost tonight  
Find the side that's bright  
Watching the people move  
I'll slide into my groove

I'm going to a star tonight  
The farthest one in sight  
I'm going to starve my love right now  
So's I can hardly sense the crowd.

4.

From the imaginary land I've come  
 In the sweetest form of energy I've swum  
 Basking in the air around you  
 Cast out from the world I knew  
 I've finally found the place  
 Where red turns into blue.

5.

You bought me for half the price,  
 So why do you complain?  
 We could've done much better,  
 Now only you and I remain.

6.

Sou um ser ambíguo  
 Que ri quando deve chorar  
 Um caminho exíguo  
 Que liga o céu e o mar.

7.

I'll still love a million girls and then I'll die  
 I'll still wipe a million tears and then I'll cry  
 Oh! what noxious smell – defeat has just got here  
 Oh! do promise, sweet dreams, don't disappear

I'll die a million deaths and then I'll live  
 I'll take a million times and then I'll give  
 The morning's had strange ways to be of use  
 The future has no news – it lies diffuse.

8.

Frustrar-se é entrar na pessoa e não achá-la;  
 Achar-se é perder-se na mata e não deixá-la.

9.

Posso ser bom e posso ser mau  
 Posso ser gente ou animal.  
 Depende.  
 Não sei de que mas depende.

Posso ser uma chama que acende  
 Posso apagá-la também  
 E cuspir em seguida no amém.  
 Depende.  
 Não sei de que mas depende.

Acende, chama, vai, acende.

**10.**

Feliz do favelado, do imbecil e do enfeitado  
 Que não pensa por não ter no que pensar  
 Que não faz por não saber como fazer  
 Que só ama por não saber como gostar  
 Que só vive por não ter mais como morrer

Pobre de mim que frustrado raciocino  
 Que estudo que analiso e que opino  
 O mundo é vasto, a mente um grande continente  
 E no final a gente é quase o tão-somente.

**11.**

A solidão se fosse má causava dano  
 Ou um prazer, bem entendido, sob o pano  
 O mar em suma ainda tem de ondular  
 O ser humano ainda muito que sonhar.

**12.**

Who am I to complain  
 Of the anger and pain  
 A mere marionette  
 Painted of life's palette  
 My eyes see darkness  
 And old-fashionness  
 My hands write verses  
 In a way sheer, full of mercies  
 Who am I to disturb  
 The man in the curb  
 Creatures roam the earth  
 In the void seeking mirth  
 Their eyes reflect our screams  
 And their voices our crumbled seams  
 Love is too wondrous a rhyme  
 To be spent in an odious lifetime

Who am I to just die  
 And my life defy  
 What's the aim of this life  
 To end in a death of strife  
 Who am I  
 And why  
 ?

**13.**

Até invejo a alegria dos nubentes  
 E compartilho da cobiça dos ausentes  
 Mas nem pelo sorriso acetinado da casante  
 Trocaria a solidão do mim pensante

Porque penso no amor  
 No deitar e no falar  
 E me vejo sem cor  
 No amanhecer e no calar

E por isso gozo calado  
 Para evitar que meu corpo se exalte  
 Amo comigo por instantes  
 No abandono de um porquê que me falte

Até entendo os nubentes  
 Um esplendor dependido e amargo  
 Me alegro de ver os pombinhos  
 Na esperança  
 Da herança  
 Comilança  
 A trança  
 Para tudo utilizar na dança.

**14.**

Je veux une explication  
 Pour cette triste impression  
 Si j'écris sans arrêt  
 Donc le gris devient vert ?

Je veux pas de raison  
 Ou l'éclat d'une prison  
 Si je suis dans la porte  
 Donc mes vies seront mortes ?

Je suis une partition  
 Les personnes un frisson  
 Quand la plume est cassée  
 On écrit ce qu'il veut ?

Des question, des questions  
 Sur les ouis, sous les nons  
 Par le même motif  
 Tous les hommes sont vifs ?

**15.**

Je me suis tombé amoureux d'une mouche  
Je sais pas pourquoi  
Je sais pas combien de fois  
Tout ce que je sais  
C'est que ma mouche est spéciale  
Ma mouche est très normale  
Elle a quelque chose d'inexplicable  
Qu'existe dans les aspects féminins d'une femme  
Au bout de l'âme  
Oui, parce que l'âme d'une femme  
Peut-être c'est exactement ce qu'il me manque  
Je sais que les mouches sont au tour de moi  
Leur voix sont pleines du noir  
Ou l'amour n'est pas comme ça ?  
Ah ! quel bordel des idées  
Ah ! c'est l'infer des pensées  
Et je me suis encore tombé amoureux d'une mouche  
Non, je veux dire autre chose  
C'est une belle question qu'elle me pose  
Les mots sont en train de sortir de ma bouche  
Je voudrais être quelqu'un  
Elle peut ressembler les gens  
Ça n'importe pas  
Au tant que ma mouche soit là.

*Rio, 1990.*

**POESIA ANGUSTIADA**

A vida me aperta me força me empurra  
Meu ser só reage de forma covarde  
Me sinto acuado por vários motivos  
O rádio me fala de um mundo ideal  
Sou produto de um comercial de tv  
A vida não é o que queremos que seja  
Nem a mulher talvez me toque quando diz que me beija  
O mar não é bem o mar  
Porque não sei ver o mar  
Sou o produto relativo de minha relativização  
Que só existe enquanto existe o relativo do outro  
Por isso sou o reflexo de um relativo falso e ideal  
A tal ponto que às vezes misturo o bem e o mal  
Critico nos outros aquilo que eu mesmo faço  
Uso dos outros a perna em local de meu próprio braço  
E faço uma poesia insossa  
Produto do mundo à volta  
Resultado de não viver iludido  
Imerso na consciência de me sentir tão perdido  
E me calo não por fuga ou covardia  
Mas na certeza de que calar é ousadia  
Quando é um fato opcional pensado e refletido  
Meu deus em que não acredito  
Não consigo ainda parar de pensar  
Queria dormir dormir e fumar  
Mas não fumo  
Só vejo os outros fumando...  
Sonho demais  
E não vejo os outros sonhando...

*Rio, 1990.*

## NA ÓPERA

Me deu uma vontade de chorar  
Quando entrou a Madame Butterfly  
Não sei se pelo clássico da música  
Se purificado pelos tons elaborados, tão bem entrelaçados  
Talvez pelo evento social que me há subido à cabeça  
Quiçá pelos perfumes que se encontram  
Ou por estar onde poucos podem vir  
Os trabalhadores assalariados que sonham  
Com o contato  
Com o toque  
Do sagrado som da ópera  
Talvez pela beleza sinestésica e tocante do canto agudo e pungentemente,  
[tristemente feminino]

Só sei que se me dio unas ganas de llorar  
Deve ser meu psiquismo, excitado com o momento cultural  
Agora me perco no registro deste momento inusitado  
E perco partes desta maravilha de cenário e sons treinados, lapidados e vestidos de  
[alta sensibilidade e poesia]

Quem sabe não quase chorei por não ser eu que estou no palco  
Et ce désire de jouer avec des langues, les sens du langage  
C'est comme le besoin de m'exprimer en ton sauvage  
Como se o sentir total se expressasse em várias línguas  
Eu ouço e sinto que meu ato chegou ao fim  
E guardarei pra sempre a beleza inaudita deste momento intuitivo  
E terei a madame toda só pra mim.

*Rio, 1990.*

**PARA PABLO MILANÉS**

Quantos morreram  
Quantos morrerão  
Quantos se embebedam  
Quantos beberão  
Para esquecer das tragédias  
Dos homens  
Para tentar entender como podem  
Serem tantos os que somem  
Choro por estar feliz  
Por entender o que diz  
El cantante Milanés  
Que se dilacera pelo que outro fez  
Não quero ser famoso  
Só quero perguntar  
Como dormem  
Os que matam  
Não os miseráveis que passeiam com fome pela rua  
Mas sim os que governam, que legislam  
Que nos matam sutilmente  
Em nome da ordem e progresso  
Das roubanças e do íngreme sucesso  
El tiempo pasa e eu ainda te ouço  
Sou um velho me recusando a ficar moço.

*Rio, 1990.*

Copyright

**JOGO DE PALAVRAS**

Você com esse seu jogo de palavras  
Invariavelmente me confunde e me irrita  
Infelizmente me fascina e me conflita  
Minha miséria é acreditar impunemente  
Em certas coisas que às vezes você diz  
São tão bonitas, inesperadas e ardentes  
Me deixam louca porque são tão coerentes  
Comigo, com meu ser  
Com meu desejo e bem-querer  
E aí me vem você com esse seu jogo de palavras  
Me excitando e me mordendo  
Me alfinetando o pensamento  
Aí me entrego à ilusão  
Justificando a maldita sedução  
E de manhã depois da farrá eu me pergunto  
Dividida na incerteza das lembranças  
Já até me pego me enredando nas palavras  
Como eu dizia é aí que me pergunto:  
Se eu não sou tua, e não sei o que dizer,  
Maldito amante, por que é que gosto de você?

*Rio, 1990.*

Copyright

**CASO**

Sou teu caso  
Sério  
Sou tua flor  
Teu mistério  
Sou daqueles que ainda se excitam com um olhar  
Com o luar  
Sou o outono em teu corpo  
A desaguar  
Num tal calor  
De um verão fora de época  
Sou teu caso  
De polícia  
Sou a mão  
Que te admira na carícia  
Sou todo teu quando calhamos de estar juntos  
Não sou ninguém  
Mas sendo dois nós somos muitos  
Quando no escuro  
Somos a própria fantasia de nós dois  
E depois, e amanhã,  
Bem, depois já é um tempo muito longo  
Não nos percamos com o futuro, insônia vã,  
Sou o teu caso  
É o que basta  
No momento  
Es, no meu caso,  
O que não basta  
O argumento.

*Rio, 1990.*

**TUDO PASSA**

Sinto com as palavras  
Penso com as mãos  
Deixo em tuas entranhas  
A sensação de ter-te entregue o coração

Passarei na tua vida  
Pois nesta vida tudo passa  
Mas estarei na tua lembrança  
Como do prédio a argamassa

Não me envergonho da entrega  
Não me oponho à refrega  
Mas, veja bem, amor esguio,  
O arroz se colhe no plantio.

*Rio, 1990.*

Copyright

## PENSANDO

### I.

Há coisas que acontecem em momentos diferentes  
 Há pessoas que se encontram tão em vidas divergentes  
 Eu aqui por meu redor sinto um alívio momentâneo  
 Seja o grito da paixão seja o vago sucedâneo

Aparente é o universo  
 Relativa a imensidão  
 O buscar e o encontrar  
 Partes de um mesmo roldão

Desenxabido um amor qualquer  
 Que tenho pouca excitação  
 Exagerado o que vier  
 Do assediar em possessão

Petulante sou enfim de ser feliz neste momento  
 Um enxerido em tua vida mas que dispensa o juramento.

### II.

Muito obrigado por me ensinar  
 Por me alertar  
 Sobre os perigos do amor  
 Sobre os prazeres da dor  
 Da dor de resistir  
 Na iminência de explodir

Sadomasoquismo sob a mesa  
 Fazendo pouco caso da incerteza  
 Tesão inacabado in absentia  
 Desejo em sonho altivo in tua praesentia

Muito obrigado por mostrar  
 Por aturar  
 Toda a da pressa inconveniência  
 Toda a imatura obsolescência  
 De um querer que se esgota inesgotável  
 Pois tudo em suma é viver o inviável.

## III.

E como não posso ver linhas sobrando num papel  
Aí vai uma poesia de aluguel  
Improvizada como a vida do manuel  
Um arremedo de poeta e menestrel

As linhas enchem e vão ficando mais bonitas  
Como a videira que enche o caramanchão  
Numa fazenda se sente o cheiro da beleza  
Numa poesia se vê o olhar do coração

Que poderia bem ser uma outra parte  
Já que o todo é uma parte de algo mais  
E outra vez já me vou eu filosofando  
Tentando pôr um dado à frente no atrás

Adeus papel que foi aqui meu companheiro  
Adeus minutos que não compram o dinheiro  
Adeus amor ou qualquer coisa parecida  
A vida é vida porque não é senão a vida.

*Rio, 1990.*

Copyright

## PENSANDO OUTRA VEZ

### I.

Aqui tem mais do que lá  
Lá tem mais do que aqui  
É a incoerência, irmão,  
É o dó querendo cair em si

É triste depender da humanidade  
É o cúmulo viver em sociedade  
Vinhetas de um assunto inesgotável  
Valências de um viver inexorável

O humano se influencia pelo amor  
Uma dádiva ilusória e vã até  
Uma coisa inexplicável embora forte  
Tão dogmática que se confunde com a fé

E vamos nós amando e amando nós nos vamos  
Que me perdoem os pitágoras de samos  
Teorizar a vida é nulo, é pôr-se o sol  
Viver exige o angular do pensamento  
É ver da ponte antes do peixe o anzol.

### II.

Me olha um homem e me olha uma mulher  
Me sinto garfo e me sinto uma colher  
Se faz a rima e se abandona em resquícios  
De pensamentos de verdades e suplícios

Amiga eu choro por não saber continuar  
Um sentir tão belo e tão amedrontado  
Eu choro sim porque me perco em divagar  
Sem conseguir pintar o significado.

**III.**

Viela suja onde passa essa menina  
É ela é ela cujo ar em mim assina  
Um nome estranho que a alma reconhece  
Perfume eufórico que com vinho se parece

O meu pavor é de só ser e não viver  
De pelo mundo me passar e não saber  
Uma agonia se me dá se a vida às vezes embranqueço  
Uma alegria me arrebatava se com o verso me pareço

Que rimas que nada  
Que tudo que fada  
O podre do mundo  
Não está bem no fundo

Escrevi pra você e você não me ouviu  
Olhei pra você e você não me viu  
Senti por você e você não sentiu  
Entrei em você e você saiu.

**IV.**

Aqui jaz um poeta  
Um aluno maldito  
Aqui jaz um atleta  
Um herodes bendito  
Foi em vida um suplício  
Avatar perecível  
Foi com a morte a esperança  
Contestar irascível.

*Rio, 1990.*

**MARÇO, UM PEDAÇO**

Como é que podes dormir  
Com tanta demagogia  
Com tanta hipocrisia  
?  
O que é que deves sentir  
Na injusteza da medida  
Na pobreza impedida  
?  
Se és duro ao fazer  
Sou duro ao defender  
Não se tira o cobertor do mendigo  
No inverno que vê longe o amigo  
Não se capa o animal por maldade impensada  
No inverso da bondade, na apologia do nada  
Grito alto porque meu irmão se encolheu na surpresa  
Choro baixo porque a família se iludiu à francesa  
Falo das filas  
Falo das horas  
Desperdiçadas, abandonadas  
Falo dos homens  
Falo às mulheres  
Desesperados, inconsoladas  
Penso nos pobres  
Penso nos dias  
Ensarjetados, mal-dormidos  
Penso na fome  
Penso no aviso  
Irreversível, incompreendido  
Enfim espero como todos esperam  
Covarde até porque impotente  
Mas no meu canto há um tom de tristeza  
Da esperança que há pouco tempo era quente  
Sou, meu amigo, um perfil dessa massa  
Que chora e esperneia  
E que implora inouvida quando você nunca passa.

*Rio, 1990.*

**DEDICATÓRIA**

Você me pediu um poema  
Que pena  
Você aí tão longe  
E eu tão mais longe ainda  
Você me esquecendo na Europa  
E eu aqui  
Assim meio não ansiando a tua vinda  
A vida corre  
Como sempre correu  
O poema escorre  
Como sempre fiz eu  
Penso em você  
Por razões obscuras  
Lembro de certos momentos  
Em que tateamos  
Como se fosse às escuras  
Por um lado ainda arranjo um jeito e me vingo  
Mas por outro  
Pra quem vou ligar nesta noite-domingo?  
A pena desfila arranhando o papel  
Como o uísque destila as emoções do troféu  
O ser que se flui de mim  
Em momentos de livre poesia  
É como o azul do avião  
Prateado invisível em plena luz do dia  
Tive um sonho uma vez em que a vida morria  
Não sei como acordei  
E um pouco amargo me achei  
A mente viaja contigo  
Mas não pro mesmo lugar  
Viaja porque a poesia  
Só sabe mesmo é viajar  
Quem sabe eu encontro as respostas  
Pra nosso tanto perguntar  
Um dia ainda desisto  
De tão porcamente rimar  
Vi milhares de seres um dia enfileirados  
Caminhavam para a morte  
Transpus a barreira do som  
E caí na minha sorte  
Ainda não sei se penso em você  
Só porque sei não estar você perto  
Mas também penso em tanta outra coisa  
Que não sei se mereço atenção  
A rima se perde no afã de dizer  
Os homens se traem no pavor de perder  
E por isso os poetas que de tanto pensarem se escondem

Não se cansam por dinheiro algum de tentar e tentar escrever  
Aliás escrever é martírio e todos os lugares-comuns  
De que falam uns e outros  
Só entende o que escreve o poeta  
Quem estiver com a sua porta aberta  
Ou fechada não sei  
O escrever é por si contradição  
Já que não se sabe onde está o pensar  
Se na mente no espírito ou em algum coração  
Solitário me sinto como sinto a paixão  
Que alardeia os horrores  
De sentir o tesão  
Por um pedaço de pão por um tanque de guerra  
Por marchar pro abismo por deixar esta terra  
Sou um sério candidato amiga  
Ao suicídio do ser  
Não me encontro no chão nem na longínqua galáxia  
Nem louco posso almejar a ser  
Pois louco é quem se guia pela certeza do amanhecer  
E eu aqui no meu canto  
Só gozo no anoitecer  
Não sei se te amo ou se enxergo o adeus da esperança  
Não sei se nos livros encontraria no logo a tardança  
Só sei que não sei não saber  
E que isso não vai preencher  
Vai longe o tempo da espera contida  
São outras as épocas hoje  
Metade dos seres que comem  
Não sabem se ficam ou correm  
Por mim ou por fim já não sei  
Eu me sinto por demais repetido  
Amo a vida o sol e a morte  
E me entrego ao pensar e ao corte  
Respiro ares podridos e felicidades no bar da esquina  
Choro e rio e alterno os olhares  
Rezo a mim e cobiço a menina  
Sou energia em forjar confissão  
Sou desabafo dos últimos dias  
Recluso me tranco na ignorância do mundo  
Cúmplice inválido de uma espera pedida  
As memórias me vêm as imagens também  
Vejo meu reino vejo a pobreza e ainda vejo o harém  
Não tenho mais forças de andar cem quilômetros  
Desisto ao pensar no grão de areia que entrou no sapato  
Queria dizer ao mundo que sofro em vão  
E acabo outra vez na vã e bela confissão  
A vida é amarga  
Que posso fazer?  
Não é só pra mim

Os outros é que não querem ver  
No mínimo não acertei a perdiz  
No máximo pude ter você e não quis  
Poderia dizer muito mais  
Mas o sono me cansa o olhar  
Podíamos ser o demais  
E acabamos sem nem começar  
Não me arrependo de algo já feito  
Procuro desolhar o meu leito  
Que os nexos se encontrem no inferno  
Onde o amor é tão tudo que é terno  
Poderia me queixar ou mentir  
Criticar o por que discutir  
Mas o sono por demais me enfraquece  
Me oscila entre a dor e o prazer  
Mais um eco do inconsciente humano  
Perdido no cheiro da tinta  
Que escreve coisas bonitas  
Que sonha e assina os destinos do povo  
E se esvai como o riso do novo  
Por isso pergunto se vai valer a pena  
Que leias tamanha bobagem  
Um discreto relato do nada  
Do vazio que é o ser vivente  
O pedido do esgar inconsequente  
O calor de um temor procedente  
É que ser e viver pesam muito  
E a existência se voa de rápida  
As gentes se ficam boquiabertas  
Quando veem já perderam a hora certa  
Já agora se esgota a fugaz inspiração  
Deixou o jasmim do desejo de algo na brisa  
É como o verão que no gelo agoniza  
Quisera poder te dizer coisas belas  
Provocar acidentes e curar as sequelas  
E só consegui  
Chegar até aqui  
Mas é que você me pediu um poema  
Que pena.

*Rio, 14 de outubro de 1990  
11:00 da noite  
Grajaú*

## CONTOS ERÓTICOS

Te entro por trás e meu mundo se explode  
Te sinto as coxas mexendo inquietas  
Murmuro um qualquer coisa de gaiato sedento  
E entro mais fundo em teu salgado buquê  
Correndo e parando, sôfrego e resfolegante  
Junto e afasto o meu corpo do teu  
Na virada me agarras gostosa e ardente  
Me enlaças as pernas por os quadris que volteiam  
Procuro algo no teu interno escuro  
É uma mistura de louco e selvagem  
Um pré-desaguar de vontade contida  
Escondo e retiro de ti o meu arlequim  
E enquanto isso te ris e te choras  
Te gritas te grito gemendo que estamos  
Subo mais alto para te ver panorâmica  
Me olhas então no inalo e exalo  
Sem parar  
Acelero e freio em meia-marcha meu sexo  
E me apertas demais e demenos agora  
Por que me agarraste com braços e unhas  
E depois me soltaste?  
Me puxas expulsas me dói docemente  
É o cheiro do sexo no sexo uivante  
Iminente  
Vou quase gozando te agarro febril  
E sinto que paras no não-chegado momento  
Já não sei o que falo e não sei se te escuto  
Vivo agora pelo sexo no teu sexo e no meu  
Em rimas assimétricas que rimam e desrimam  
E desarrumam nossos cabelos  
Quero acabar dentro de ti  
Mas também não o quero que ainda o chegar  
Me dá desvarios de te penetrar outro lado  
Te rasgar me sangrar de coragem e alento  
Suplico a entrada no local proibido  
Libidinando tua boca te peço na perna  
Te viro e domino e gemes de dor  
Mas parece que pedes e empurras com força  
Escorro meus dedos por teus sucos melosos  
E falo besteiras pornográficas e sujas  
Pergunto excitando pedindo e deixando  
Te domino com minha força de macho no cio  
E me excito com os gritos de fêmea promíscua  
Te chamo de puta escorro pra dentro  
Já não sei onde entro se saio ou deslizo  
Todo meu eu se resume nesta fungada desesperada  
Neste chafurdar numa lama deliciosamente nojenta

Me vêm à cabeça outras mulheres  
Saias e calças e pernas e bustos  
Bundas que aliso, mãos que me tocam  
Visualizo o irreal o impossível e o frenético  
Um impasse carnal irresolvido na mente  
Me perco imaginando que seduzo as donzelas  
Orgias onde estou desvairado e chupado  
Parece que te arfas por demais e agora  
E volto culpado ao teu chão  
Quase desisto paro reduzo  
Foi teu mais forte um momento que me tirou do idílio  
Volto a mexer devagar e me sentes mais dentro  
Não, são só desvarios do prazer  
Se soubesses, se soubesse  
Daria meu corpo às pancadas  
Para saber em que pensas  
Enfim prosseguimos na viagem sem volta  
Se paro me matas se paras não aguento  
Somos no momento o momento um do outro  
Que se foda o porquê de estarmos na cama  
Nada mais interessa nesta hora loucura  
Em que me faço presente e ausente  
Quase ao mesmo tempo em tua casa umidade  
Sou agora a cobra que procura lugares escusos  
Para esconder a voracidade e o veneno que me consomem  
És um ser de prazer um objeto quiçá de amor  
Não, amor não existe por enquanto  
Chegará depois do orgasmo quem sabe a dois  
Sinto que te exaures teu gozo demora  
Me expulsas me viras, suspiras  
Suplicas eu mudo te entro de novo  
Já não sei mais por que lado se de lado ou o que seja  
Sou por ti em ti para ti  
Porque sinto que estás em volta de mim  
Não, pensamento errado, olho e te vejo embaixo de mim  
Estou quase chegando já toco a sineta  
Murmuro que venhas mas a rigor não me importo  
Estou quase atingindo o egoísmo supremo do ser  
Felizmente vieste ou sei lá se vieste  
Não me importam teus gritos de prazer só me dão mais tesão  
Vejo um monte de mulheres sevícias e você  
Me traz novamente pra dentro de você  
Já sou quase um gozo penso em te deflorar te chupar  
Fazer coisas que não sei bem o que  
Sou perigoso neste momento  
Um assassino violento  
Nada me importa só quero sentir formigar o meu membro  
Aliás nesta hora  
Sou somente nada mais que um pênis pulsante molhado e enrijecido

Entregue a uma mente que pensa aleatória  
Te agarro com força sorriso que és satisfeita  
Na minha cabeça muitas dúvidas sobre o teu prazer  
Doloroso não saber se gozaste ou se afinal desististe  
No entanto na carne uma só certeza  
Gozar em você e acabar o suplício  
Vai ser não vai ser está vindo então  
Vai ser não vai ser o melhor da minha vida  
A cabeça gira gira gira e não para  
Tudo são visões invisíveis e deformadas  
Numa forma sem forma de tudo e de todos  
Já começo a pulsar noto que estou suado  
Acelero te prendo desculpe és só um instrumento da minha paz  
Não aguento mais  
Fecho os olhos e engulo meu grito  
Agora sou sobras pulsantes de uma pasta que escorre  
Aos pulos aos jatos para dentro de tuas entranhas  
Pulsando pulsando espasmando tremendo acalmando saindo soltando largando  
O mundo começa a fazer sentido outra vez  
Não foi nem de longe o que poderia ser  
Mas o que é que poderia ser?  
Te traio na fidelidade de ser todo teu por uns momentos  
Queria que me usasses fizesses de mim gato e sapato  
Que fosses passiva e ativa a todo momento  
O mundo começa a fazer sentido outra vez  
Começo a te ouvir formular qualquer frase  
Pergunto o que e me volto ao real  
Queria fugir  
Não, não me beija  
Daqui a pouco talvez volte ao normal  
O mundo já está em mim outra vez  
Eu já estou de volta ao mundo  
E percebo que há alguém do meu lado  
É você, me recordo  
E sem saber bem por que te beijo molhado  
Nas tuas costas suadas de mim  
E nosso amor acabou nessa solidão sem fim.

*Rio, 1990.*

**VERSOS PERDIDOS**

1.

Pus-me velho para o mundo  
E fiz-me jovem dentro d'alma  
As poeiras cobrem os homens  
As balas abreviam os desejos  
E o amor agoniza na terra que chora  
Sob as matas  
Sob o céu  
Sob os pássaros  
E a mulher infiel  
Pus-me em guarda contra o mundo  
E fiz-me morto pra mim mesmo  
Nas águas das torrentes nas miragens  
Colhi os momentos e guardei-os numa jaula  
Pois no jorro dos lamentos  
Há o fim dos meus tormentos  
Corre a água correm os rios  
Os devassos – desvarios  
Ah se o deus abrisse a porta  
Que se nos dá para o infinito  
Talvez o ser  
Talvez o crer  
Talvez viver fosse bendito  
E por isso  
Eu, meu próprio cortiço,  
Pus-me solto pelo mundo  
E fiz-me escravo de minh'alma  
Na poesia de um distante amanhecer  
No êxtase de um grito de paixão  
Os momentos do idílio  
Aprisiono em eterna liberdade  
Sou um homem penetrando seminua  
A vastidão desta fria noite sem lua.

**2.**

Por que não te amo?  
 A pergunta é implacável  
 Sua lógica inquestionável  
 Sua razão inesgotável  
 Me dás amor me dás entranhas  
 Me dás presentes e aturas minhas manhas  
 És a mãe dedicada  
 A chorar o filho morto em vida  
 E no entanto não te amo  
 O tempo passa, fico velho  
 Nas ruas os fedelhos crescem sem parar  
 As árvores se renovam sem sair do seu lugar  
 Só que eu não consigo começar a te amar

Por que não te amo?  
 A pergunta se perde no infinito  
 Sua lógica se confunde com o mito  
 Sua razão te confessar não me permito.

**3.**

Quem nunca viajou fazendo amor?  
 Num oásis em miragem  
 Com um cowboy na estalagem  
 Em hotéis luxuriantes  
 Em mulheres estonteantes  
 Sobre um corpo do cinema  
 Tela própria proibida  
 O segredo mais interno  
 A mentira mais plausível  
 Quem nunca se iludiu ao iludir o outro?  
 E mentiu e gozou e gemeu no presente  
 O desejo do futuro ou de alguém ausente  
 As pernas, os peitos, a boca, o sorriso  
 Um beijo manso que seja  
 Um passeio por um bosque sem flores  
 Pois na viagem do amor pouco importam nossas cores  
 Quem nunca fodeu aqui um corpo a anos-luz do aconchego?  
 O pai morto a mãe jocosa  
 O amante da amiga mais fogosa  
 As últimas gotas do vinho da festa de outro dia  
 Escorrendo pelas costas amorenadas decotadas  
 Quem nunca desejou como desejo atual  
 O desejo de outro afinal?  
 E mentiu sem sentir que mentia  
 E gozou o sonho no achar natural  
 Talvez com um ligeiro tremor do receio do incontável  
 Talvez com um leve sorriso da cumplicidade abonável

Quem nunca viajou fazendo amor  
Ou encontrou um grande amor  
Fechou-se para o mundo  
Aboliu-se para si mesmo e para o gozo  
Ou fechou as suas portas ao sensível  
Basta-se a si mesmo em sua fuga egoísta no próprio gozo  
Ou então é um grande e insano mentiroso.

*Rio, 1990.*

Copyright

**LE PROFESSEUR**

J'ai les rêves de mes élèves  
Les sanglots de son silence  
Je serai  
Prochaine année  
Un essai de puissance  
Pour que les voix deviennent un cri  
Pour que les gens respirent une seule vie

*Rio, 1990.*

Copyright

**FACTS OF LIFE**

A child, a life, a dream  
A love, sketches, a scheme  
Deaths, a girl, a scream  
A verb, someone, a team

For the years keep on passing  
While our minds are still sassing

A man, a star, a knife  
Unknown, sex, a strife  
Feminism, capitalism, a wife  
A song, freedom, pure life

*Rio, 1990.*

Copyright

**DESEJO**

Que o país se governe  
Que o salário espaireça  
Que o pavor se aniquile  
Que o amor enriqueça

A vida é o achado maior  
O ano tem começo e tem fim  
Ser feliz é questão relativa  
O assado não é bem assim

Que todos se entreguem à emoção  
Que saiam de cima do muro  
Pois se não sonharmos com o melhor do futuro...

*Rio, 1990.*

Copyright

**NEW YEAR**

Watching the colorful sounds of fireworks  
The new year is just 'bout to come in  
If you open your doors  
If you clean all the floors

...

*Rio, 1990.*

Copyright

**MORE FACTS...**

I watch the worldly sounds  
And feel the rhyme escape  
A man a woman a dream  
The everlasting scheme  
Oh would that this crystal moment  
Could bear infinite disguise  
The stream of a love despondent  
In search of that which will rise  
Minus plus or both  
A vouch for a solemn oath

*Rio, 1990.*

Copyright

**SONETO DE ANO NOVO**

Que boas festas que nada  
Feliz é o pó da estrada  
O ser já traz consigo  
A tormenta e o abrigo

O brasileiro não tem mais fim  
Tem a ti e tem a mim  
A vida espera ansiosa  
Que a vivamos gloriosa

Com todos os cores  
Com todos os jasmins  
O céu envergonhado

A força dos atores  
Em todos os confins  
Um país a ser curado.

*Rio, 1990.*

Copyright

**PELO ANO NOVO****1.**

O homem se adorna  
O homem se mata  
E eu penso em lavar os dentes  
Vejo a dança  
A coruja  
E eu me divido nos entrementes  
Não quero rimar  
Não quero amar  
Só quero uma mulher  
Que entenda o sax romântico  
De um Englishman in New York  
O golfo o salário  
O rock o flanário  
Vejo imagens mis, tenho inspirações diversas  
Ideias são várias, imagino conversas  
A realidade perdeu contato comigo  
Que sacação, como diria o fodão  
E no entanto eu sou igual a outros tantos  
Um babaca, amoroso e carente  
Te espero iludido mudando o metro amiúde  
E me enterrando em teu desprezo ataúde  
Te quero a você  
Espero ligares  
Pensando em alguém  
Que não é quem me goza  
Sou um gênio do além  
Um safado também  
Deslocado talvez  
Um perdido cortês  
Já disse, espero você  
Fodo acolá  
Gozo a imagem de alguém  
E penso em um longínquo porém

\*

Não importa quem lerá a poesia  
A análise a psiquiatria  
Mas fui eu por uma vez enfim  
Adolescente, adulto, o mim

\*

O homem se adorna  
 A bebida evapora  
 O eu do que não sei quem serei  
 A pobreza do pensamento que se torna tormento  
 Gostar é gozar a imagem de outro  
 Pensar é assumir o sentir de um outro  
 O méier é tão longe  
 A márcia distante  
 O amor ilusão  
 Esta noite marcante

\*

Vou pegando o ritmo  
 Vou ficando sem sono  
 Escrever é cachaça  
 E pensar é sem graça  
 Não é filosofia é pensar atrofia  
 A rima não passa de um querer que se faça  
 Amanhã o trabalho  
 O desperdício da porra  
 A pontuação e a sônia  
 Meu amor com amônia  
 Quero ver as notícias  
 Fluir o pensar  
 Escrever minha vida  
 E depois me matar.

2.

Se você acha que vai me excitar  
 Só por ter seus peitinhos por sob a javanesa  
 Durinhos  
 Fofinhos  
 Se você pensa que vai me deixar louco por me falar  
 Com essa voz sensual e solícita  
 De gueixa naturalizada  
 Se você imagina por acaso  
 Que vai me criar caso  
 Que vai me deixar fora  
 Do meu eu, aí, embora  
 Você vá ao deus-dará  
 E eu fique a ver navios nos rios de minha mão  
 Olha, esteja certa  
 Você tem toda a razão  
 Aliás é bom que saiba  
 Que você é um tesão

E que eu não te guardo ódio  
Por me teres relegado  
A um plano inferior  
Nas escolhas de teu corpo  
Só queria te dizer  
Nesta história sem querer  
Que o nosso tempo acabou  
Quando mal nos começou  
Na mesa daquele bar  
No querer do desejar  
No sorrir do se negar  
Se você acha que criou um ser amante do prazer  
Inexistente, só pensante, do querer mas não poder  
Saiba que o amor é nada  
Que o sexo, que a cada  
Um que te negares  
Não darás os teus esgares  
Como os darias tu a mim  
Sou o homem de tua vida  
A paixão tua esquecida  
O nosso lugar-comum  
Da paixão o urucum  
E por fim quero deixar um beijão de mais-valia  
Já que tudo é tão em moda  
Já que o cisto fere a coda  
Pois querer é um horror  
É te dar o meu valor  
Nosso tempo terminou na mesa daquele bar  
Um desperdício um além  
Um olhar, toque também  
Já se apaga o meu dia  
Ao lembrar nossa alergia.

*Rio, 1991.*

**ODISSEIA ESCOLAR****CANTO I**

Da poesia vivemos  
Da vida morremos  
Aliás, esta aula é muito chata  
A mulher do lado  
O pensar acabado  
Estudar é degolar em bandeja de prata  
O rico se explode  
O pobre se implode  
E o mestre insiste e não mata  
O problema estético  
A desgraça do cético  
O saber numa bandeja de lata  
Um poeta imundo  
O segredo do mundo  
E a prova que destrói e não ata.

**CANTO II**

A roupa a comida o perfume  
O nu e a fome e o fedor  
Além de um silêncio asqueroso  
Sobre as coisas o ser e o esgoto  
Mais que tudo essa triste incoerência  
O pensar uma estranha ingerência  
Não me fale de este ou aquele  
O que importa pra mim é o fim  
Que a rima se foda  
E a gramática toda  
O saber não se acaba em si mesmo  
(E vem uma vontade de rimar o torresmo)  
Se nem os fatos sustentam-se um ínfimo  
O ar ao redor exala um cheiro semínimo.

**CANTO XX**

A poesia o papel  
O dilema cruel  
E a aula se arrasta em tropeço  
As palavras não vêm  
O devir vai além  
E me calo num amuo travesso.

Rio, 1991.

O poeta é um ser que quer saber  
Se existe o amanhã  
Ou se ele crê  
Na possibilidade  
De um pseudoamanhecer.

*Rio, 1991.*

Copyright

**NO RESTAURANTE (I)**

É em momentos como este  
De extrema solidão  
Com o bar vazio, às moscas  
Às 10 p.m. e tão!  
Que me vêm à lembrança  
O cedo e a tardança  
(desculpem, não posso evitar a rima  
ela me pega assim por cima...)  
Antes o tamborilar nervoso  
Dos dedos na mesa  
A vontade de pegar a pena  
Pena mesmo,  
É uma tinteiro  
Verídica,  
Tantos apartes  
Tantas coisas a dizer  
Um plano para escrever  
Como dizia  
Penso na vida  
Nada de mais, sentida  
Olha, é muita preocupação  
(essa é fácil)  
Posso pagar no cartão?  
A poesia corre frouxa  
Se é que é poesia  
Os garçons, o ir pra casa  
A pior parte de ser sozinho  
É chegar ao apartamento  
E cheirar o isolamento  
Fazer poesia é fácil  
O difícil é planejar a poesia  
Mas por que não?  
Se a noite é um eterno  
Acabar do dia  
Vamos lá,  
Tem novidade  
(de Betânia passou a Caetano)  
Será coincidência  
Ou o sentir temprano?  
Passou uma mulher  
No meio da salada de frutas  
Não pude me furtar  
A pressentir e olhar  
Sinto que tenho algo exacerbado  
Embora sem o metro  
O desejo de algo incerto

O mundo na verdade me olha com parcimônia  
Se morresse amanhã iria irrealizado  
Ainda não aprendi latim  
Nem soltei peido de festim  
É, porque antes vem o desejo de escrever  
O plano, o conchavo com o pensar  
E de repente é um só desabrochar  
Do verso  
Do poeta sem tempo nem espaço  
Escrever é um dizimar de emoções  
E penso na literatura  
No professor, na faculdade  
Acordar cedo, pra quê?  
Para aprender a ser você?  
A hora chega de ir embora  
E os couplets mia senhora?  
Rima besta  
Discurso sem sal  
É o bem  
Fazendo o mal  
Quisera poder pegar a pena  
E decifrar as igualdades da novena  
Pois não fazem sentido  
Nem são o pássaro ferido  
Pensar é morrer na tentativa  
De ser o outro,  
Aposentado vivendo na ativa  
E são memórias de mulheres eloquentes  
Umas frias outras mornas outras quentes  
Aperto o verso  
O garçom se aproxima  
Ainda quero planejar o meu poema  
Não quero repetir o mesmo tema  
Na verdade foram muitos os esquemas  
Pelos tempos os tercetos e as estrofes  
Minha vida é vagar por entre os bosques  
Da crescente incertitude do amanhã  
Da marcante negritude  
Da maçã  
Depois do verso mil, depois  
De um eterno vir depois  
Me sinto esgotado  
Na do mundo insegurança de arriscar  
Se pudesse tentaria o meu tentar  
Pra provar que eu também me sei amar  
E sei, Jesus do adultério,  
Te odiar

Odeio a mim e ao garçom  
E a tudo o mais  
E à tristeza de ser possível lhes dizer  
Que o tempo vem  
Que a noite cresce e eu também  
Aos poetas que tão jovens se aventuram  
Nas frases feitas nas perdas e nas fortes  
É mais um bêbado que me pede uns tostões  
É mais um verso que se acaba nos perdões.

Em inúteis contemplações.

*Rio, 1991.*

Copyright

**NOVA POESIA VELHA**

Desentoquei o mimeógrafo  
Não por opção  
Mas por precisão  
Pela exegese da alma  
Pela catequese do trauma  
E aqui se vão alguns poemas  
Meio sem direção  
Como de resto aleatória,  
Sem metro a rima xoxa,  
A mente que os produziu  
Um diário de fogo  
Um rosário de nojo  
Que o mundo apareça  
Nos versos de um poeta  
Pelo papel da solidão  
Pelo tropel do ancião  
A velhice que surge  
No encadear das ideias  
Porque poesia é isso  
É falar e inventar  
É pensar e criar  
Alternar a consciência  
Com a total demência  
No verso inclemência  
No todo impotência  
Sem sapiência  
Mas com inocência  
A inocência do poeta criador  
O procurar do rebuscar sem saber por que nem pra que  
Pelo eterno divagar semipresente  
Pela vaga música de um tesão ausente  
O saber que desespera  
A surpresa na tapera  
Pelo aqui e o amanhã  
Pela poesia pagã  
Nova poesia cristandade de tupã.

*Rio, 1991.*

**NO RESTAURANTE (II)**

No fundo são todas pessoas que passam  
Miragens de carne  
Pedacos de ser  
Movem-se errando em seus sonhos plausíveis  
Morrem na vida de amores possíveis  
São gente, nada mais  
São uma vírgula  
Uma pausa, um detalhe  
No giro do mundo  
Um riacho que corre sem sal  
Exagero de um desejo irreal  
As pessoas que passam  
Têm rimas na pele e no andar  
As mulheres, os homens  
Os mendigos, os réus do lugar  
Ah pastiche de gente e de máquinas  
Um esgar, um sorriso de pedra  
Esta colagem absurda de carros e gente  
E gente e gente  
E troféus de beleza  
Quando muito  
Um detalhe, um senão  
Um minúsculo nó de pureza  
Em meio à vida que corre  
No seio do homem de porre  
São todos os poetas do nada  
Do tudo, do ser, não importa  
Há um momento em que essas pessoas  
Confundem-se com vagas lembranças  
De um tempo, um lugar, um avatar  
Intuição do começo do mundo  
Pois que voltam eternos olhares  
Reflexões dos internos pensares  
O mar que longe se encontra  
Agora  
O luar que invisível se esconde  
Lá fora  
E há cores e flores e dores  
E relógios e risos e amores  
E sons e invasões de ardores  
E figuras e palcos e atores  
Se é que se pode dizer  
Que a vida é mesmo viver  
No lugar-comum do pensar invisível  
O tesão de criar um tenso amanhecer

Que torça o metro  
Que quebre a rima  
Que destrua a poesia  
Para poesia não ser  
Que vibre a agonia  
Que exploda a utopia  
Que rasgue o penar desta alma que grita  
Que abafe o rosar de um espírito afoito  
Que recuse os dons e os sons e o coito  
Que rompa os desejos de ter pensamentos  
Que afogue a desgraça de tanto pensar  
Pensar, palavra que brilha  
No escuro da noite de linhas reclusas  
Que brotam suaves em picos de...  
Foda-se a maldita intuição  
Pra que construir a bendita canção?  
Canção é a vida, a gente que passa  
O riso perdido, a criança-desgraça  
Poesia é a vida, o recheio ao redor  
Poesia que nasce de outra poesia  
Quebrada, curtida  
Chegada e partida  
Meandros de algum sentimento  
Escafandros de um vesgo tormento  
As malditas pessoas  
Que passam e passam  
As benditas macumbas  
Que adornam e curam  
Ah poetas que tanto disseram  
Ah poderes que nada fizeram  
As estátuas felizes que olham o bar  
Não bebem não sentem não veem o andar  
Das pessoas que passam  
Dos casais que se abraçam  
Casais que se iludem de amor  
Amor, que os deuses renegam  
Em versos de estúpido tino  
Porém, e por que o porém?  
Talvez se acabe também  
A corrente da inspiração  
O poente  
A espera  
A ilusão.

*Rio, 1991.*

## O DEPOIS DA TUA MÃO

Apaixonei-me por tua mão  
 Um atalho ao coração  
 O batom mal colocado, lábios grossos corpo excêntrico  
 Um vestido javanês  
 Lindo apelo aos meus porquês  
 O contraste inundado, um estilo ecumênico  
 E no entanto, viras musa de um bar  
 Tens no ser o convite para amar  
 És tão jovem, tão distante um abismo nos afasta  
 O além de meu desejo, a incerteza me desgasta  
 O ar se choca em mistérios incontidos  
 As palavras se avolumam num crescente maremoto  
 São viagens muito rápidas  
 E vivências instantâneas  
 Tiro toda a tua roupa, te afofo com o olhar  
 Admiro tua grande indiferença invulgar  
 Faço rimas egocêntricas, fantasias entre linhas  
 Me acabo numa cuba, ultrapassado em curvinhas  
 Engraçado, não poetiso  
 Algo ufano, tri-romântico  
 Estou em estado de abstração  
 De meu eu, e te contemplo  
 Como um príncipe consciente de que já te dominou  
 Como mártir decadente que admira a guilhotina  
 Como um esteta inconformado que teoriza a figura  
 O sem-fim do pensamento  
 Mastigando a conjuntura...  
 Enfim te quero ser, te quero agora e mulher  
 E em meu sexo imaginário  
 Poetar simples, primário  
 Em a só contemplação  
 Me sorrio de uma grande, indescritível ilação  
 Pois desejo o teu seio que não vejo escondido  
 E te aspiro toda forma de um amor correspondido.

Já que não se dá valor  
 Ao álcool, à noite e ao calor.

*(Baseado nas sensações de um amigo que  
 olhou as mãos de uma mulher.  
 Escrito no dia seguinte.)*

*Rio, 07/03/1009.*

## POEMA CORRIDO RELATIVO

Era alguém. Que era.

Que lembrava a solidão muda, que agourava um viver profundo, que tremia sem saber por que, que inaugurava uma nova pergunta, que mais uma vez causava a não-resposta, que deslumbrava um acontecimento febril, que trazia à mente, incessantemente, o desejo de ser o que jamais poderia ser, que não era, que evocava tardiamente o passado-futuro de algo imóvel que jamais acontecera na vida, que imitava aleatoriamente num infindo, sadomasoquístico, incerto, desconexo jogo de palavras, que, a bem da verdade, não dizia nada, que é na realidade o destino de tudo que perece, que também pode ser o que sobrevive ao tempo esdrúxulo do pensamento exagerado, que é, todos sabem sem querer saber, a única maneira de vislumbrar a incertitude das sãs alegorias, que são necessárias enquanto processo, que não o são enquanto destinatário de um pensar agônico, que é por sua vez um jeito meio arcaico de saber o futuro que o destino inatingível, intocável, imutável reserva às criaturas que pensam e pensam e que pensando acabam optando por não pensar, que é o último baluarte de qualquer sistema humano de organização histórica da vida, que mais uma vez se faz pulsar de contentamento, que alterna indefinida e antagonicamente com o sofrer do universo, que está no poeta que destrincha e disseca as parcelas que compõem a incógnita cósmica de uma equação pseudopredeterminada que não presta se não para indicar a incoerência de viver para morrer, que é o fim, que é o começo, que gera a dúvida que é a grande indagação da humanidade que faz mais do que acordar e dejetar suores romântica e sensualmente assexuados, que exalam a monotonia do envolvente poder rítmico de um mundo vão mas perfumado de dinheiro social-democrata, que é um nome mais feliz porque utilitário para o ócio dementado já incorporado ao ser humano que divaga em favores de interesse e casamentos poderosos, que são, é bem verdade, um jogo eterno de palavras inconcebivelmente bem preparadas que alienam o ser que se entrega à monótona ocupação de se entregar aos bem-viveres da podridão que é segregada pela rotina do dia a dia que mata freudianamente o desejo, que não mais existe e que, porque é só mais um odor daquilo que já não motiva, não prova a existência de nenhuma verdade mais universal, que nunca existiu como uma eficiente completude do mais íntimo questionamento humano, que gerou toda a gama de institucionalizações dos

pedestais religiosos, que são o segregar das glândulas imaginosas inconscientes das pessoas, que, por não saberem por que são pessoas, recorrem a artifícios escusos, escuros e insuficientes para se convencerem de que o amor e o ódio, que matam amiúde, são convergências inegáveis e inexequíveis de uma autoflagelação indutiva socializada pela comunicação forçadamente carente de sociedades e civilizações, que, ao longo destes milênios, povoaram um fragmento de universo, que foi elevado à quintessência da certeza permanente, que se traduz em gurus, professores, governantes e esposos, que excitam, mentem, roubam e utilizam as paixões manipuladas, canalizadas para o egoístico preenchimento do medo da solidão, da morte, do vinho e da amargura, que são, em última análise, um mero porém se colocados de encontro às elucubrações existenciais, que geram dinheiro, mas geram pensar, que é o que realmente interessa aos antimedíocres, que não passam de renegados lutando por uma causa perdida e falsamente apaixonada, que é a enorme e imperdoável falácia da imperturbável e conformista humanidade pós-dilúvio, que, se aconteceu, teve exageradas suas proporções, que chegaram a policiar, vetar e reprimir o sexo, que também é derrotado por algozes interiores, que fortificam um fluxo ininterrupto de pensamentos revolucionários, que movem o cotidiano fastídio de querer ser feliz, que não pode ser um sentimento mensurável, que não existe, que precisa ser complementado por um não-sei-o-quê de consumismo interior, que alimenta a família, o deus, o comerciante e o escritor, que no fundo não passa de um tratante, um excitador de almas sugestionáveis, que se tornam vicários usuários de sentimentos alheios, que, se deveriam ser intransponíveis e intransferíveis, acabam sendo dissecados, analisados, rotulados, compartimentalizados, julgados, adaptados, interpretados e considerados obras primas e feiuras, quando não passam de simples exercícios de tinta e papel, que já são escassos nas possibilidades, quaisquer que sejam, de alguém.

Que é.

*Rio, 1991.*

## O CANTO

Era uma sala quente, com matizes do real. Em um canto um preto mudo, descansado em madeira. Em um outro uma cadeira, tosca, simples, livre no abandono de um início de sujeira. Mais um canto, avulso, lindo, cheio do silêncio que o vazio lhe impingia. O canto derradeiro se confundia com uma porta de onde surgiu a bela Alvina, num vestido decotado até o Filho, florido por cima e monocromático abaixo da cintura; comprido como a dor da minha espera, sentada numa poltrona macia, tão macia que chegava ao desconforto. Trazia na mão a estátua de bronze solorido que chorava de alegria com o bebê nas mãos. E parou Alvina no canto derradeiro. E me olhou de frente, esticada em sua pose campeã. E me olhava meio encolhido de orgulho na poltrona. E me olhava ainda ao fim de dez segundos, pois não posso descrever o ser do tempo. Finalmente me esboçou o querer sorrir pra mim. Foi quando me levantei e fui embora, olhando primeiro o chão acarpetado e desbotado do descuido do trabalho, depois a porta outra que me tinha recebido em dois flancos de metal envidraçado, e finalmente, ao me parar, Alvina estátua que parara de esboçar. Só me lembro das mãos baixas, do seu ventre a reluzir do ouro que não tinha, e do conjunto de seu rosto contra o fundo em porta aberta de paredes penumbradas, os seus olhos tranquilos e uma ruga microscópica a sulcar a face esquerda. Alvina bela e mais três cantos. A sala quente e a porta aberta. Olhei um canto e olhei outro; olhei o terceiro e saí, cravando o adeus em Alvina de pé, esquecida dos três cantos, pousada leve em seu canto derradeiro.

*Rio, 1991.*

## JOANA

Todos na rua conheciam a história de Joana. Desde o dia em que apareceu no jornal. Antes não.

Uma boa moça, empregada honesta, engraçadinha, diziam todos, mas o máximo que faziam era dar-lhe bom-dia ou boa-noite, conforme fosse comprar o pão ou assistir à missa. Um dia fizeram uma festa na rua. Tinha barraquinha, churrasco, cerveja, música alta, crianças ruidosas, rapazes flerteiros porque havia também moças tentadoras de saia curta e meia de nylon, casais abraçados, pais e mães fingidores, padres, pastores e, como não podia faltar, cães e mais cães a cheirar o mundo a nossos pés. Joana saiu e foi olhar a festa. Andou, olhou, comeu alguma coisa e tropeçou. Levantou ajudada por um moço jornalista que cobria a festa para um jornal qualquer. Conversaram, andaram e acabaram a um canto da praça. Joana ria, mas ninguém se dava conta, e o rapaz insistia, mas Joana estava tonta. Quem já foi a uma festa destas sabe como funcionam os frequentadores – é tudo uma questão de oportunidade, a lei da oferta e da procura incessantes, tudo regado a cerveja e churrasquinho – ah, e muita risada falsificada. E o rapaz insistia, agora mais próximo de Joana. Até que Joana fugiu correndo para casa em sua timidez socioeconômica, e o rapaz parou de rir. Mas a festa continuava com seu poder mágico de impelir as pessoas a andarem pela praça sem parar, mesmo desinteressadas.

No dia seguinte saiu o jornal com fotos e textos sobre a festa. Tinha barraquinha, churrasco, cerveja, música alta, crianças ruidosas, rapazes flerteiros porque havia também moças tentadoras de saia curta e meia de nylon, casais abraçados, pais e mães fingidores, padres, pastores e, como não podia faltar, cães e mais cães a cheirar o mundo a nossos pés. Curiosamente, porém, havia uma chamada isolada num daqueles retângulos jornalísticos pequenos e avassaladores que falava de uma mulher da vida, “como nunca faltava nestas festas, devido à oportunidade de conhecer homens seletos do local, pintadíssima, sumariamente vestida, assediando os homens, rapazes e os bons costumes com sua lascívia de baixo calção”. Culto, o autor da matéria descrevia em todos os detalhes a ousadia nominal de Joana, a dama da noite.

Todos na rua reconheceram a história de Joana.

*Rio, 1991.*

**A RIMA**

Olhar a vida de longe  
Tecer comentários explícitos  
Versar os fatos da vida  
Catar consequências alheias

O vinho do eu bem mais perto  
O amor e o pesar obscuros  
O canto em edemas da morte  
Ardor de perguntas internas

Em vista das quedas do monge  
Por causa dos seres implícitos  
Por sobre o apagar da descida  
Segundo as impressões das cadeias

No barro do sexo aberto  
Com todos por cima dos muros  
Embaixo das portas da sorte  
Negação de leis e casernas

Em prol destes versos distantes  
Pensamento nem sempre evidente  
O total de uns parques instantes  
A falta da rima coerente  
O mesmo se fazer diferente.

*Rio, 1991.*

## VÊNIA

Quantos homens se veem atados ao nada  
 Em veios de ouro castiço e mortal  
 Percalço obscuro de vênias ausentes e ternas  
 Tesouro de águas astrais e eternas

O ser do porvir no devir do não-ser  
 Agiotas com calços de pedra nas ventas  
 Palavras ao léu consequência de algo não visto  
 Temperos sem causa rebeldes de amargo não dito

O vento da morte já sopra os caminhos escusos  
 Criando parcelas de sensos ambíguos  
 Cabedais e mortais cabeleiras de porcos  
 Caminhos cristais de preguiça e ovelhas e focos

Teimando no medo de ver e sentir o arrepio  
 O fluir desbragado de versos perdidos no escuro  
 Da vida que flui envergada de nojos amorfos  
 Em formas tão várias que as formas se perdem em destroços

De quatro em quatro se anelam verdades mentidas  
 A cada momento um teor diferente de estio  
 Ferinos absurdos contendo a surpresa do afinco  
 Bebês de proveta e telhados de vidro e de zinco

Espíritos tortos vontade e pressão abarcantes  
 No mar de pureza a vez do naufrágio solene  
 Nesse ínterim bebe-se muito café de tristeza  
 Massacrando a potência de ter de lutar na avareza

São muitas palavras e estrofes de vida bem soltas  
 Ao largo do cais dos sussurros morais de prazer  
 Prazer que não acha não vê e não sente o penar  
 Da busca incessante que prima por nunca se achar

A bem da verdade a vida é uma grande mentira  
 Na falha da estrada um acinte aos pecados do mundo  
 Tropel espalhado espelhado no muro dos néscios  
 Cultura infiel apelido de todo o comércio

Perdidas no sol as perícias de todos os astros  
 Amigos ausentes carentes de sede de ação  
 Poréns e porquês assassinam os trens dos amantes  
 Os crentes e ateus já convocam as bênçãos bacantes

O fim se aproxima já chega o arauto veloz  
De pé na carroça embora se vai o destino  
Se rindo se rindo de nós que sonhamos com tudo  
Chorando chorando com raiva do inquerito mudo

Ao longe se vão personagens de mudo semblante  
Silhuetas de adendos em crise de vã existência  
Armadilhas que somos de nossas pegadas perdidas  
Opções denegridas nos vemos aguardando a partida

O clamor que conclama os cornos dourados do dia  
Paralelos se vão os desígnios de contrapartida  
Trocadilhos insossos amargos vestígios de luz  
Que se arvora em domínios e estrondos e ordens e em cruz

Derretem os males se esvaem os fins e os meios  
Começos de nada castigam perfídias sutis  
Falências em baixa desfalques de bela gentilha  
O ser que se mira não sabe se trouxe a cangalha

E o dedo de algo a picar irritante o sentido  
Do tato e do gosto do cheiro do outro que escapa  
Escapando também a galope as trevas dos donos do abismo  
Alvéolos rubros argênteo vão egoísmo

Enfim o descanso de todo este inútil porvir  
Porvir-sentimento que um dia queria voar  
Voar para longes paragens aquém do poder  
Poder de querer voar para sempre e esquecer.

*Rio, 1991.*

A vida é um imenso vazio  
Em meio a desejos irrealizados.  
E só.

*Rio, 1991.*

Copyright

**SEM TÍTULO ou O OUTRO CAPÍTULO**

Tudo que faço reflete um pequeno trespasse  
Nada que almejo se faz tão premente de amparo

O caos

O perdão

O trigo

O afinco

O trovão

Malícia de acasos demais infelizes

Os maus

O avião

O perigo

O trinco

A paixão

Tudo que volta se excita com o velho a sorrir  
Nada é tão velho quanto uma escolha infrutífera

O tema

O acólito

O novo

O prelo

O serão

Delícia de ocasos gerais aprendizes

O sema

O insólito

O estorvo

O belo

A menção

Tudo fraudando a angélica encenação  
Nada mordendo a coceira do túmulo vivo

O crivo

O brilho

O caco

O cenho

O cordão

Perícia de vasos astrais com varizes

O alívio

O trilho

O taco

O desenho

A traição

Tudo se encontra na porta fechada de um óbvio súbito  
Nada concede o eterno tramar em espúrias centelhas

O teto

O cabelo

O tento

O possesso

O senão

Primícia de prazos reais em tais crises

O neto

O pelo

O vento

O regresso

A visão

Tudo são poucas versões coroadas de prismas

Nada são muitos verões afastados do apego

O vime

O dito

O entanto

O prato

O cifrão

Sevícia de atrasos venais e Denises

O time

O apito

O acalanto

O retrato

A indução

Tudo vai indo pro nada na eterna ciranda vazia

Nada pra vir revelar o assédio do altar monstruoso

Dentro do verso

Um pequeno serviço

Cantiga de roda

Aplacar o estupor

Do clima que insiste em rolar

Inerte num dístico apócrifo

A deixa a merda o valor o setor inaudível

Pavoroso penar de procuras e busca do incrível

Amarelo rancor de alvíssaras em flores azuis

Perfume exalado em prazer e pesados fuzis

Tudo não passa de um mero tentar redigir  
 Nada de mais só um certo impedir se dormir

O aval  
 O porém  
 O terçol  
 O pastel  
 O timão

Notícia de casos sociais das atrizes

O penal  
 O harém  
 O lençol  
 O aluguel  
 A eterna

recordação

O fedor  
 O arrote  
 O tiro  
 O espinho  
 O verão  
 Indolência, amigo, em conter mais um vômito  
 O tenor  
 O minhoto  
 O suspiro  
 O escaninho  
 A maldita  
 intuição

Tudo, meu caro, são blocos poéticos em alternância homérica  
 Nada, ou quase, aparece sem que implique em deriva colérica

O que mais copiar  
 Nesta noite tão fria?  
 Onde está o avatar  
 Para a volta do dia?

O postigo  
 O telhado  
 O vermelho  
 O apelido  
 O alcatrão  
 Pausa em que inenarrável retoma  
 Cansado o bardo que poetisa o glaucoma  
 O amigo  
 O molhado  
 O artelho  
 O ferido  
 A gostosa  
 ditosa  
 amorosa  
 tentação

O final  
O artesão  
O sinal  
A possível  
realização

Sedução  
Aversão  
Asquerosa  
Contravenção

Sensação  
Delação  
Desditosa  
Inclinação

Impressão  
Conversão  
Portentosa  
Comiseração

Retração  
Convenção  
Impiedosa  
Constatação

Compaixão  
Corrosão  
Tão dengosa  
Inspiração

Compleição  
Ablução  
Tortuosa  
Indagação

Preleção  
Repressão  
Tediosa  
Erudição

Distração  
Prevenção  
Valiosa  
Elucubração.

**SEM ASSUNTO**

Tenho vários assuntos a tratar  
 O primeiro,  
 O janeiro,  
 É que estou sexualmente apático  
 Em linhas que traço enquanto estático

O segundo,  
 Todo um mundo,  
 Se esvai em filigranas de almíscar  
 Desencontros e polêmicas em ametistas  
 O terceiro,  
 Um obreiro,  
 Debutante de um tempo absurdo  
 Elisão de um espírito abelhudo

Mais além,  
 Um outro vem,  
 E no embargo de um entorno adequado  
 A vizinha só deseja um namorado

Verdade maior da existência  
 Desespero translúcido e impotência  
 Que nem sei se sobrevivo a esta noite  
 Se o que sinto é o calmante ou o açoite  
 Desestruturo

o meu verso  
 a bel-prazer  
 a rima  
 o metro  
 o acaso  
 de escrever  
 o corpo dói  
 e  
 vai  
 buscar

Na ignorância do prazer um mal-me-quer  
 Interrompendo-se a música asperosa  
 Se é que existe o tira-gosto de sonhar  
 Mas vamos deixar de teimosias espirais  
 E retornemos ao pensamento contumaz  
 O jogo é este  
 É brincar com as palavras  
 É dizer e não dizer o fim do mundo antecipado

Confundir o tal leitor imaginário  
 Teorizar meias-verdades apagadas  
 E sorrir das travessuras empenadas  
 Pois que é mister

quebrar de novo  
 a rotina

pra não ser  
 o mesmo  
 que  
 algum dia  
 começou a se dizer

que o verso é a diversão favorita do poeta  
 na solidão de séculos perdidos na ilusão do

tempo  
 quando

acaba o papel de  
 escrever

nos infinitos

da  
 i  
 ma gi

ção  
 não  
 são horas

que já  
 sabe se  
 ou se

não

figura de requintes assustados  
 quem te inspira neste dom ilustrador  
 sem que as verdades fiquem ditas e rimadas  
 sem que as manchas se percebam nas pegadas  
 dos rumos  
 diurnos e noturnos  
 que é para não perdermos

o

traquejo  
 de alternar  
 seriedade

com

bocejo

e

no

mais

me

despeço

desastrado

energúmeno

rimando

em simetria mas

com

a

triste

mão da rebeldia

ser

orientado

de vai e vem

de

trás

pra

frente

insolente

complacente

displicente

mas

temente

de

algo

eterno

totalmente aleatório que me encontro  
em cego despertar de um retorno anunciado  
e sem título em virtude da audaz mansuetude

em si

em si

em si,

você,

em si,

vocativo que pari

quando a música jazzza em complicados arabescos

tons sur tons de melodia alucinada

respostas às perguntas dos sentidos

instrumentos que perturbam desabridos

alterando as moléculas desse sonho

impossível

descabível

dementado

e

tão feliz

Copyright



que tudo se acabe na orgia  
 que tudo se afague na apatia  
 que o belo se detenha na coragem  
 que os amantes se entrelacem na voragem  
 que mais?

Um diálogo interior sem fundamento  
     sem princípio  
         sem metade  
         e  
         sem  
         fundo

Só pesquisas de locais para as palavras

sem rigores no destrato  
     no retrato  
     no azedo  
 mas também no varejo de noturnos exercícios  
 seja em carne seja em mente  
 seja frio ou ardente  
 e desculpem  
 mas não pude resistir  
 que essas rimas se me vêm aos roldões  
 em loucuras imparáveis de observar o refletir  
 ou seja lá o que é que quer dizer  
 a pobreza e a riqueza  
 de nobres encadeamentos estelares  
 semi-humanos nas  
 paredes  
 de uma noite  
 interrompida em mil momentos de orações  
 às tintas que nos pintam as conversas  
 cada vez mais abstratas  
 e seguras  
 inseguras que o são por mera e feroz definição  
 com licença para os pecados da invenção  
 ou até um beijo no perdão  
 só pra rimar  
 só pra dizer  
 me repetir em enfadonhos poetas  
 no azul arroxeadado tão bonito dos teares  
 que fiam meus versos  
 que procuram novas cores  
 e  
 as vomitam

depois

nesse ar  
 tão poluído de suores  
 já regados pelos poros



Um papo irônico  
 e histriônico  
 uma mensagem ou algo extremamente parecido  
 uma abordagem, um fenômeno eternamente arrefecido  
 pelo crer  
 no poder  
 de falar com a vida  
 dialogar  
 com a experiência não sentida  
 o segredo cabisbaixo nos tumultos dos morfemas  
 um segundo e já são mil e um e dois estratagemas  
 quando sempre

e n a l t e c e n d o

p  
 e  
 r            a  
 c            jogatina  
 e            o zombeteiro  
 b            o sal da sina  
 e  
 n  
 d  
 o

e por fim

S  
 O  
 L E I T O R  
 E  
 R  
 T  
 E

extraordinário algoritmo  
 loquaz e pensativo mentor

resolva  
 o  
 enigma

dissolva  
 o  
 mistério

e diga ao poeta  
 quem traiu o adultério

Para que possa existir  
Para que se faça surgir

o  
ponto  
final

deste  
nosso

compactuado  
carnaval.

*Rio, 1991.*

Copyright

Pensar é dar vazão ao inconsciente  
Casar é o pecado insistente  
Que deus se recolha bem cedo  
Bem antes que morra de medo.

*Rio, 1991.*

Copyright

O mundo é um pedaço de abstração que não se pode ver  
A poesia é um termo da equação do que não se pode ser.

*Rio, 1991.*

Copyright

Minha mente pensa muito  
Meu prazer é minha dor  
Eterno é um momento de vagar aleatório pela funda inspiração  
O verso é um intuito  
O descrever do meu amor.

*Rio, 1991.*

Copyright

## PERDIDO ENTRE VERSOS

O mago das ilusões afoitas  
A marca de temíveis pernoites  
O amor de um córrego arfante  
As palavras de qualquer ser que ofende  
Em linhas de curta poesia  
Desarrazoados amálgamas em feixe  
Curtos pensares de refrões versejados  
Cada verso um canto eterno de fincado recomeçar  
Cada texto um vil retorno de incerto perambular  
Pelas águas do poço  
Pela mente do moço  
Os pensantes animais se excitam com o choro  
Enquanto marcham os soldados da insana obediência  
Entre matrizes de absurdos  
Calejados e rebeldes  
Pois que tudo se amofina  
Se reduz e se alucina  
Divisando o inconsciente  
Marcados arremedos de indolência  
São mil versos que começam mil canções  
Devaneios seminovos de emoções  
No fazer, no dizer  
Com fervor, com prazer  
E que venham,  
Sem fim,  
As seduções da alegria inóspita  
Um batismo de água fria no calor da jovem freira  
O sacrilégio  
O florilégio  
Da rima inconsciente  
Do pecado renitente  
Sem falar no decreto penitente  
De aduzir a petulância da juventude  
Que se expande e se penetra de vontades  
O tesão e o desejo das beldades  
Senão recluso e portento de marfim  
Um céu azul e o amor dentro de mim  
O mar aberto e a destruição do fim  
Terríveis cismas de alegrias e festim  
Que se acabe o sofrimento do povo  
Terminando com a velhice do novo  
Só pelo dizer das palavras  
Só pelo repetir das ideias cadentes  
O mago do filão inesgotável do imaginário  
Detrator sem sangue frio  
Consciente arredio  
Perseguição de elucidar a própria alma

Via versos sem sentido de poder apócrifo  
Que abandone o poeta os liames da paixão  
Sem o do ardor negro patíbulo  
Em feliz exaltação.

*Rio, 1991.*

Copyright

**CONVITE AO PROFETA**

Agora que o mar secou  
E já que o despeito se foi  
Que tal um degrau mais além  
Um acaso e um pedido também?

Muitas crianças já morrem  
A profunda devassidão  
Entre rios de cor denegrada  
A política corrupção

Ao fim do quarteto de vozes  
O pétreo amante se mata  
Legado de sérias mazelas  
País de doenças ferozes

Trinado de sérias desditas  
Corrente de horas malditas  
Caviar do desgosto amarelo  
Um roubo e monstro singelo

Agora que tudo se disse  
E já que a fonte não vinga  
Que tal um poema que atice  
Um provável que jamais se extinga.

*Rio, 1991.*

Copyright

## PARÁGRAFO

E fiquei covardemente a observar o casal pelas costas: ele magro e preto; ela gorda e branca. E iam abraçados. E ele às vezes a soltava para dizer um gracejo mais arrojado, mas voltava a abraçá-la. E eu a fitá-los sem parar; sempre pelas costas, é claro, parado no ponto do ônibus, naquela posição de espera complacente e acomodada, indagando o horizonte com o casal a quebrar a expectativa do vir ou não-vir do maldito ônibus. E pus-me então a pensar no que leva um homem a abraçar uma mulher, embora esta seja uma questão primorosamente infrutífera, já que homens e mulheres não precisam de uma razão preestabelecida para que se abracem, a não ser a simples e clara vontade de se abraçarem, sem mais nem por quê. E além disso o ônibus não vinha, e eu via os dois cada vez mais a se distanciarem do meu ponto de observação, ela carregando alguns livros, ele brincalhão, galhofeiro e picaresco, em um instante daqueles em que se está atento a tudo elucubradoramente, potencialmente apto a tratados mentais de necrofilia existencial; por que se abraçam os casais? E as perguntas vinham muitas, com as respostas nem tão solícitas. E havia outras pessoas ao redor, mas curiosamente desobservantes do meu fato, quer dizer, o caso do casal que lá ia despreocupado, alheio a meus pensamentos. E pensei logo a seguir no porquê de se abraçarem um ao outro (acho que já falei isso), talvez para demonstrar um amor, mas que amor, falso ou verdadeiro? E pensei também no problema do amor e do abraço, pois não sei bem se é necessário abraçarmo-nos quando nos amamos, além do que é possível amar sem se abraçarem os amantes ofegantes (só para rimar um pouco, não perder a prática). O que era marcante, agora me lembro, era a discrepância entre aqueles dois seres humanos. E aí veio-me a ideia de que eu jamais abraçaria uma mulher daquelas, deformada, antiestética, desatraente, mas também o homem não era tão bonito assim, quer dizer, o que mais ele poderia abraçar se não uma mulher daquelas, sem falar que ela também não poderia almejar grande coisa, mas foi aí que cogitei da relatividade inquestionável do belo e do não-belo (que por sua vez é diferente do feio, bem diferente até), o que me lembrou que talvez o homem se excitasse com aquela mulher e vice-versa, o que faz sentido, “belo” sentido, diga-se de passagem. E no mais, questioneei minha afirmação anterior, pois pensara que jamais poderia considerar sequer a possibilidade de fazer amor com uma mulher daquela figura, o que, a bem da verdade, não era muito verdadeiro; estivesse eu em fase de carência afetiva de alto grau, quem sabe não aceitaria e procuraria aquela

mulher para uma noite regada a sexo e ilusão de amor. E também pode ser que... mas quem disse que sexo é tão importante assim? – amantes não precisam fazer sexo, nem de abraço. E logo eu que tanto teorizo sobre tudo, especialmente se levarmos em consideração que o sexo, o amor e o abraço são tão relativos quanto fazer sexo, amar e abraçar, sem que isso signifique que tenhamos de pensar em sexo com todo mundo, ou amarmos todos com quem fazemos sexo, ou ainda que precisemos abraçar quem sexuamos ou amamos; no fim das contas o casal que faça o que quiser, não é problema meu. E continuei a olhar o casal a se distanciar, pelas costas, é claro, considerando mais uma vez as diferenças entre os dois, tão marcantes, tão distantes, sem que isso me abalasse, pois o ônibus ainda não despontara naquele horizonte já tangido pelo casal cada vez mais pequenino na distância de mim, que aumentava cada vez mais também. E por isso deduzi que não se amavam, que participavam de um jogo sedutório multifacetado, no qual uma das regras era o abraçar e o se deixar abraçar, ou seja, naquele momento o homem até poderia estar apaixonado, poderia ter outras mulheres que compensassem as faltas daquela, o mesmo sendo válido para a mulher. E concordei comigo mesmo que era tudo muito relativo, mas persistia a ideia de que não se amavam, não sei por que, não sei explicar, era como se um sentimento de falsidade me invadissem e me dissesse do desejo, da hipocrisia, da luxúria, da cupidez, da necessidade de um abraço, de qualquer coisa incoerente porque até maledicente (foi pra rimar de novo, afiar a lâmina da rima), sem que isso me afetasse, nem ao casal, a não ser pelo fato de que eu cogitava dessas coisas todas sem os notificar, por trás, covardemente, jogando meu eu e minha pseudocultura interpretativa sem aviso por sobre o comportamento de um casal até segunda ordem inocente, verdadeiro na exteriorização de suas emoções. E concluí que o ser humano precisa amar, por que, não sei... E cheguei a apimentar mais o pensamento: será que faziam amor? E como? E quantas vezes? E com ou sem orgasmo? E com ou sem amor? E os detalhes? (Preocupações do século vinte.) E doi-me de culpa por invadir tamanha privacidade, ainda que tão feia; envergonhei-me de tal maneira que pela primeira vez desviei os olhos do casal, mas voltei a olhá-los, agora duas silhuetas, quase dois pontos dançantes (ou abraçantes) à distância, aproximando-se e separando-se como uma cópula imaginária ao meio-dia. E voltei a pensar no que pensava antes, avermelhando-se-me as faces outra vez pela invasão escusa da privacidade alheia, sendo que, a bem da verdade, que mal há em se observar alguém e desenvolver

ideias e pensamentos? E além do mais, pensei egoística e apologeticamente, o mundo precisa ser observado, dissecado, analisado, e acima de tudo experienciado, mesmo que através da vida amorosa e sexual alheia, direta ou indiretamente compartimentalizada, o que me fez sentir um pouco como um voyeur que goza com o instrumento alheio, e aí voltei a pensar no casamento, quer dizer, será que meus amigos “bem casados” são felizes? E será que se abraçam? E será ainda que compartilham a rotina, a solidão e tudo o mais? E espicacei a curiosidade mais além: o que fazem os casais outros quando não se aguentam mais? E veio-me algo parecido como uma onda de tranquilidade por não ser casado, juntamente com uma certa inveja momentânea de não poder abraçar uma mulher para sentir e testar tudo aquilo que pensara, juntamente também com pontas de uma certeza mais ou menos universal sobre a necessidade do casamento, tudo coroado com a sensação de que conhecendo-se um conhecem-se todos os outros, de que é tudo igual, cada casal a imitação do outro, cada indivíduo a repetição do outro, guardadas as devidas proporções aristotélicas que a uma hora dessas já são fora de escala, mundana ou paradisíaca. E já não mais via o casal singelo, mas via desfilar diante dos olhos enevoados e penetrantes de minha mente milhares de mulheres a quem eu perguntava e tocava, bolinando-as todas, curiosamente perscrutando-lhes as entranhas, observando-as depois abraçadas, a sorrirem, a gesticularem, enfim, analisando-as todas, comendo-as todas com os olhos, com a boca da imaginação e com o sexo doce-amargo da ilusão egoísta de conhecer o mundo que teima em se esconder de meu véu de luz enegrecida pelas chaminés ativas dos vulcões de meu pensar interminável, paranoico e detalhista. E prometi a mim mesmo que escreveria posteriormente uma dissertação sobre aquele momento, se pudesse lembrar de todos os detalhes que observara, coisa difícil de fazer, pois um momento é mais pleno quando se o não consegue definir precisamente. E prometi também fazer perguntas por escrito. E quando começava a sentir na carne as respostas, quando se me vinham em torrentes várias inspirações e imagens e sensações e panaceias, vislumbrei por trás de outro, sorrateiro, o ônibus salvador que me tirou da prisão do pensamento irreverente, inesgotável e imprevisível. E daí que não me lembro mais o que queria falar a respeito do tal casal.

## NÃO HÁ DE QUÊ

Obrigado por me fazer sentir o fel  
O alecrim decepcionado  
O cabresto de um passado errôneo

Obrigado por me mostrar o alto astral  
O alvaiade amarelado  
O pintor do meu desgosto de mim mesmo

A que devo a incerteza desse olhar  
Essas marcas sensitivas  
O nenúfar de algum cético artista

Em três marcas me arrependo do adeus  
O então, o pode ser e o desculpe  
As desditas de um ser todo embrulhado

Obrigado digo eu mais uma vez  
Até logo compaixão  
Um abraço no eufórico trapalhão

Os azares de amores impossíveis  
Contritos e humilhados  
Em tal busca de incessante amanhecer

Quando se acontece  
O ser não arrefece  
Ser alguém uma vã coincidência  
O porém a da vida eloquência  
Que mais não diga  
Nem persiga  
Descabido amansar de sentimentos  
Colorido desabrochar de quatro ventos  
Lugar-comum de uma querência aviltada  
Quintessência de um estrela despertada

No que diz respeito a Baco  
A lembrança do buraco  
Que seja então o amanhecer

Obrigado outra vez por merecer  
Um atracado extravasar  
Um operado complicar

Em absurdos desmerecem-se os intrusos  
Inspirados pelos seres  
Depenados e cabreiros

A penumbra deste mundo é muito grande  
O tesouro da procura é gigante  
E o percurso é terrível  
O amor irresistível  
A ternura uma dádiva do sonho  
O temor o fantasma do medonho

Obrigado pelo acaso de te seres  
Tanto em mim quanto em nossos pareceres  
Que tudo seja mais que tudo aconteceres  
Pela vida que se despeja em prazeres

O poeta, ator pragmático da filosofia fluídica  
O desejo, uma paixão perecível  
O amante, a teoria do possível.

*Rio, 1991.*

Copyright

## MAIS COISAS

### 1.

Aquém do porém  
 Está o além  
 Pra lá do mais certo  
 Está o tão perto  
 No meio do dístico  
 O século místico

Depois do perigo  
 Jaz o abrigo  
 No jogo do sim  
 A tentativa do fim  
 O aziago alusivo  
 Entrementes lesivo

Enviado dos céus  
 Sem tirar os chapéus  
 Protegido em anéis  
 Nos felizes bordéis  
 O mar que deságua  
 A mulher sem anágua

Transcritos estão  
 Permissivos do não  
 Pipocando corruptos  
 Trovadores abruptos  
 Pragmática chula  
 Carismática nula

E por fim o desejo de um tosco alecrim  
 Que despoja o leitor sem aviso do cristo  
 Aplicado ancião das modinhas vazias  
 Eu olhava meu sonho e em sombras corrias.

### 2.

Perdoa disse a virgem agnóstica  
 Não sei urra a besta pernóstica  
 E telúrica nuvem de sopro divino chegou  
 Imergindo que foram os pobres mortais  
 Nessa lama chafúrdica que alimenta o mais forte  
 A promessa iminente de uma melhor sorte  
 A bonança dos seres que se tornam visíveis  
 Os verões brincalhões que destilam o vinho  
 O calor das entranhas o tesão das montanhas  
 E a seiva do amor desperdiça os amores

E agora indagou a senhora  
 Se vira respondeu a má hora  
 E se vão os bons tempos na aurora da vida  
 Dependentes relógios de momentos atrozes  
 No perfeito indigente apagados estão  
 Os porquês de obstar a alegria ao portão

Mas por quê? repetia a pessoa  
 É a vida já dizia a patroa  
 Isso que chega aos pés do marfim  
 Elefantes imensos vadios cotejos  
 Palavras emigram e perguntam demais  
 Soterrando as imagens dos infernos astrais  
 Inferno que existe queira a gente ou não queira  
 Afogado no barco que se afasta da beira  
 As quebradas da mente já depois e jamais  
 Devedores devotos de santos mortais

O dever  
 O saber  
 O viver  
 O morrer  
 Como não poderia deixar de ser

O destino  
 O cretino  
 O supino  
 O rabino  
 Pra tentar reviver o bom tino

Adeus disse a dona da voz  
 Que loucura repetiu o ar, veloz  
 E se foram pra sempre  
 Nas perdidas da noite  
 E ficou o silêncio  
 Dividindo a aventura  
 Descrédito a cumprir  
 O segredo  
 De chegar sem sair

*Rio, 1991.*

**GARRA**

Morro.  
Mas jamais abandono a emoção.  
Morro.  
E quem não morre?  
Mas recuso-me a viver estagnado.  
Pode um tiro  
Um infarto  
Um acidente  
Retirar-me o sopro anímico  
Vivente  
Meu legado é a luta por mim mesmo  
Sopro eterno  
Que revela minha mente.  
Morro.  
Na figura no desejo no somente.  
Perpétuo na lembrança  
De uma sombra insistente.

*Rio, 1991.*

Copyright

## ESTEREÓTIPOS

Vi meu padrinho na rua hoje.

Um homem alto, forte, já senhor, cabelos brancos, ar de sabichão, exalando segurança por todos os poros, arrogante, autoritário, prepotente, enfim, meu padrinho. Um homem que respeitava a terra, de onde, supunha, tudo vinha; homem dos campos portugueses que era, tomava sopa toda noite com vinho tinto misturado, costume estranho, mas que poderia ser interioranamente requintado hoje, como, aliás, tantas outras coisas. Educado. Sanguíneo às vezes. Gostava de tudo certinho, dentro das leis, só raramente concedia um suborno. Voz grossa, brincando parecia que brigava; era preciso conhecê-lo bem. Eu, a bem da verdade, não o conheci direito, embora com ele vivesse quase trinta anos de minha vida. Aprendi muito com ele: o ser metódico, prolixo e prolífico, dedicado, galanteador, impulsivo, que são coisas importantes, não há dúvida.

E, meditabundo, lembrei-me de coisas que já se passaram, que já se acabaram. É engraçado como as pessoas se parecem; é como se houvesse em toda essa variedade biológica humana um número finito de estereótipos. Daí que os indivíduos se agrupam ao redor dos estereótipos, de acordo com suas características físico-psicológicas. Pois não é assim?, como diria meu padrinho. Quem já não viu aquele baixote, vermelho, brigão, pinta de italiano valentão, que mexe com as mulheres e se embebada todo sábado depois que fecha a banca? Não importa o nome: Genaro, Ítalo ou Dante, o que importa é o tipo – inesquecível, inconfundível. Quem ainda não reconheceu o português da padaria no caixa com cara de sono domingueiro interrompido pelo levantar da patroa? Alto, vinhoso, tinoso, habilidoso, madrugador, cara de mau mas coração mole, vascaíno doente, apostador e trabalhador inveterado. De novo, o nome não importa: Manuel, Joaquim, Silva ou d'Oliveira, é o mesmo minhoto, trasmontano ou lisboeta que se esconde na falta de criatividade de nossa natureza atropelada e repetitiva.

Todos já identificaram a mulata rebolosa, risonha, de lábios grossos e bunda grande na morena que desce a rua de manhã para comprar o pão. Pode-se até vê-la sambando, com o cheiro do suor característico, pele lustrosa e voz arrastada. Não interessa se é Maria, Eunice ou Penha; o que interessa é que é a mesma preta ou mulata que espicaça a sensualidade cobiçosa dos homens.

Não é preciso abordar o louro magro, musculoso, cabelos oxigenados, para constatar o falar giriesco, cheio de lugares-comuns, neologismos e termos indecifráveis. É óbvio que ele irá falar de boates, surfe e gatas, além, é claro, possivelmente, da faculdade, até quem sabe de um plano de viagem ou negócio. Pode ser Marquinho, Kiko ou Chiquinho, mas o certo é que é o mesmo garotão zona sul ou pseudossurfista que faz body boarding.

Sem precisar conversar cinco minutos com ela, qualquer um já viu várias Amélias na rua, fazendo compras, pagando contas, na fila dos supermercados ou comprando roupas, sem falar nos jargões eclesiásticos ou “nouveau-étudiante”. Sabe-se que fala de comida congelada, fralda descartável e do custo de vida pelo olho da cara. As mãos são meio grossas de detergente, a face um pouco triste e as feições precocemente amadurecidas demais. A conversa é tímida e reprimida, ou então fácil e franca, direta e até vulgar. Não se pode esperar mais de uma Cláudia, Mariza ou Dona Dulce, até porque são a mesma pessoa. Fácil de identificar também é a dondoca zona sul, esposa e mãe, até um pouco aculturada, que faz valer os seus direitos no banco e nas lojas, mais por influência do marido ou de um estudo assaz teórico do que por autoconscientização. Conhece de tudo um pouco, – lê jornal! – já teve até um amante (ou uma enorme vontade de tê-lo), mas educa as filhas com certo rigor e não foge muito da vida familiar e social que leva no apartamento de varanda enorme do Leblon; não sabe chegar ao Méier nem é segura o suficiente para trocar um pneu ou enfrentar um problema mais sério. No entanto, exala autoconfiança. Pode ser Carmen, Sarita ou Elizabeth (com th), que no fundo são uma e a mesma, diferença de detalhes apenas.

E podemos ir em frente, encontrando o malandro, o mendigo, o cdf, a virgem recalcada, a ninfomaníaca, o deficiente, o imigrante, o turista, o turista que ficou, a pedinte com o filho no colo, a puta, o travesti, o puxa-saco, o géron, o judeu, a beata católica apostólica romana, entre outros tipos. Não importa que nome tenham. Não importa o detalhe ou a condição social. São agrupáveis. São classificáveis. Com algumas exceções, que nem a perfeição consegue ser perfeita na natureza das imperfeições. Basta olhar e sentir; basta observar; basta conhecer. E para isso é preciso viver as ruas do Rio, ou de qualquer outro lugar.

Por tudo isso, tenho certeza de que vi meu padrinho hoje.

*Rio, 1991.*

## AVE!

Que voa  
 À toa  
 Do espaço  
 Garoa!  
 De cara  
 Coroa  
 Do céu  
 Que enjoa  
 Um César  
 De proa  
 Que poussa  
 E revoa.

Enquanto se voam  
 As aves, trovões  
 Para longe de um rosto  
 Deserto de nuvens  
 Um mero ambiente  
 De calma, ausente  
 Eleva-se algo de sonho  
 Para lá dos relâmpagos  
 Em versos ecoam

Os seres benditos  
 Da anunciação  
 As rimas musicais  
 Os grandes-pequenos  
 Pairando sobre o mar  
 As respostas, os mortos  
 Temos em mitos

De aves, saudade  
 De ritos e aytos  
 De felicidade

Ave à vida, boa.

Ave  
 Ave

Rio, 1991.

## RÉVEILLON

A pureza da música que excita os sentidos  
O cansaço da noite que insiste no dia  
Os avanços de lesma no espírito aflito  
Ah crianças humanas terríveis celeiros  
Mares vermelhos se fogem de dor nos petróleos do mundo  
Ares de amor se encolhem ariscos nos bailes e cortes  
Quem dera o céu se descesse por sobre os apitos do trem  
Esmagando a fumaça, a labareda do ódio feroz  
Que torna a poesia um reflexo do medo noturno  
No meio do tudo a paranoia sentida, perdida das coisas  
Pessoas que passam que vão sem se ficar um segundo  
Perdoa senhor, reduzido que foste a um mero assistir  
Os telhados já velhos, ancestrais de muletas  
De vinhos e pinhos, calçadas boêmias e amanheceres  
São os novos bacos que ditam as regras aos velhos  
Novas apoteoses novos valores novos anos e repetições  
Amantes se beijam na penumbra, surdina de violinos  
Dançando agarrados jogados ilhados violados perdidos  
A humanidade se atira sem ver no abismo vazio  
Palavras palavras tantas palavras jogadas ao léu  
Palavras palavras perdidas, de tantos mortais imortais  
São versos e notas, acordes de um tempo etéreo  
Do artista, peão, pensador e do vulgo trabalhador  
Poucos entendem, muitos se jactam, milhares se olham  
No espelho irrefletido do incerto e vago amanhã  
No terror, escapismo, covarde palpável entardecer  
No ardiloso, ditoso, espírito ameno do anoitecer  
Quando as linhas de uma poesia de tórrido sentir  
Diluem o clímax do final irremediável das festas  
Quando escapam já aos ouvidos os sons dos trombones, trombetas modernas  
Ao doce clamor dos desejos de boca e de alma  
Os beijos, abraços, encontros, piscadas e fodas  
Quando o Feliz Ano Novo se estende hipócrita na noite planejada e putrefata  
Sem sentido em idílicos alisares de faces e coxas  
Entre afagos de mal-estar abatido, insônico e mordaz  
Eu me desejo inteiro ao ano novo que chega  
Certo na incerteza das pobres linhas que traço  
Numa noite já desistente  
Num verso de cunho profundamente interior  
Em tinta que vaza uma longínqua possibilidade  
Em brotando escassos milhares de fluidos salutares  
Jamais poderia ser em vão a pena que exala o pobre esnobe coração  
Vicejando avatares, comédias, e incríveis artifícios  
São vislumbres, são teares, contrapontos enfeitados  
E por fim quando tudo já se perde numa noite aparentemente feliz  
Pois até o mendigo tem direito às cores da imaginação  
No retumbar das promessas, no repicar de insanos tamborins

Eu me devolvo ao verso por mais um ano inesgotável  
Feliz no picaresco amordaçar de pseudoverdades e imorais acontecidos  
Pelo anelar de todas as possíveis emoções porvindouras  
Pelo atestado de deixar impressos meus sentimentos  
Em minha própria, insignificante, desconhecida posteridade  
No mudo rugido de um choro constante que não sai  
Por toda a ambição, covardia, sordidez e violência  
Por toda a alegria, a fama, a caridade e a opulência  
Dedico ao ano velho um hino de mágico poder  
E me entrego ao ano novo indefeso por querer  
Longa vida se tenham os propósitos inacabados  
Os poetas frustrados os mesquinhos e os despojados  
Pois deles é o reino dos incréus  
E deles também a ironia dos céus  
Que o ano novo inspire a resposta  
A satisfação, o poder, a proposta  
Que aumentem os versos e as felicidades pungentes  
E que se aprenda com a dor, o fedor e os indigentes  
Enquanto morrem crianças e pobres e favelados  
Enquanto comem perus os ricos e abastados  
Na das festividades grande ironia  
Na da fome enorme hipocrisia  
Feliz ano novo  
Que se emende o soneto  
Na ascensão do conhecimento  
No desmontar do coreto.

*Rio, 1991.*

**ALEATÓRIO**

Terríveis terríveis  
Estes anos que vão  
Esta noite  
Apelido de um sono intido  
Ah vou dormir  
Deixa pra lá  
Me salva, meu sono  
Vem cá.

*Rio, 1991.*

Copyright

**VERA**

A você que me ensina  
Essas coisas de erotismo  
E que por vezes me domina  
Nesse nosso sexo-tropismo  
Lhe dou despudorado um beijo  
Bem no meio das pernas  
Sacana no desadormecer do desejo  
Nessas nossas idas e vindas eternas.

*Rio, 1991.*

Copyright

**POEMAS DE BAR****I**

Hoje me dei uma rosa.  
E por que não?  
Como uma alma dengosa,  
Um ermitão.

Comprei de uma moça morena  
Que me olhou desconfiada  
Imaginou algo de muita pena  
Por tal compra inusitada

Não sei bem pra quem dar esta rosa  
Se pra mim ou pra mim ou pra mim  
É até que bastante cheirosa  
Um botão de uma vida carmim

Tenho até a quem dar esta flor  
Não seria jogada no lixo  
Mas me afeiçoo ao amor e à dor  
E também a um simples capricho

Olho a rosa e a rosa me olha  
Não sabemos o que nos dizer  
Meu silêncio a invade e desfolha  
Antes mesmo de acabar o prazer

E enquanto admiro a florzinha  
Reencontro o ar ao redor  
Me alivio de saber que é só minha  
Sem soberba e sem pormenor

Quantas mulheres me agradeceriam  
O presente vermelho e fechado  
Quantos homens não me invejariam  
Por não terem tido este cuidado

Mas a vida resume-se nisso  
Um ser e uma rosa num bar  
A música num som submisso  
E o espírito já perdido a voar

Olho a rosa e me lembro de algo  
De um copo ou de um tamborim  
E constato que não sou o fidalgo  
Que agradou sua dama assim

A rosa na mesa e o homem  
 Já trintão a escrever tão distante  
 Que cenário, onde os versos não somem  
 Um enigma, um tom discrepante

Vou levar minha rosa pra casa  
 Talvez vá pensar n'ua mulher  
 Colocá-la em cova não rasa  
 E fazer um pedido qualquer

Meu olhar se mistura ao aroma  
 Numa essência brilhante e suave  
 Já virei uma parte da soma  
 Percebi que não há nada de grave.

## II

Enredei-me com uma poesia  
 confusa  
 à la grega.  
 Desgostou-me o não entendê-la  
 obtusa  
 a mente.  
 Prossegui na leitura da mesma  
 rebaixado  
 humilhado  
 perdido.  
 Percebia alguns toques de nexo  
 mas ardia como virgem no sexo.  
 Desisti da poesia  
 tão longa  
 tão assim doentia  
 e decidi dedicar-lhe em dístico  
 um que se foda bem claro e artístico.

## III

Foi o bar que me flagrou  
 Ou o tempo que passou?  
 Já existe o fim do mundo  
 Ou são horas de fechar?  
 Foi a dúvida que entrou  
 Ou o real que aflorou?  
 É uma poesia que se cria  
 Ou a vida que se espia?

**O AMOR**

O amor não se desfaz  
É eterno  
Não diminui  
É sempre mais.

*Rio, 1992.*

Copyright